

Religiosidade nos rios Itacaiúnas e Tocantins: *o sagrado em Marabá/Pará*

Silvia Helena dos Santos Cardoso

Docente de fotografia na Unifesspa
Pós-Doutorado em Arquitetura e Urbanismo da UFPel
E-mail: silvia.cardoso@unifesspa.edu.br

Eduardo Rocha

Pós-Doutorado em Arquitetura e Urbanismo da UFPel
E-mail: amigodudu@gmail.com

Recebido: 01 set. 2025

Aprovado: 08 novt. 2025

Resumo: Este texto faz parte do Projeto Internacional de Pesquisa *Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul*, ao estudar as atividades religiosas, culturais e sociais desenvolvidas nos rios nas bordas da cidade de Marabá/PA, Pelotas/RS, no Brasil, e Comodoro Rivadavia, na Argentina. Foi possível identificar uma significativa reciprocidade social entre moradores de diferentes bairros urbanos mapeados durante a pesquisa, respondendo ao questionamento inicial sobre as características da cidade. O Ensaio Fotográfico traz dez imagens da Romaria Fluvial.

Palavras chaves: Fotografia. Caminhada. América do Sul.

Abstract: This text is part of the International Research Project *Urban Pathographies in the Confines of South America*, studying the religious, cultural, and social activities developed along the rivers on the outskirts of the cities of Marabá/PA, Pelotas/RS, in Brazil, and Comodoro Rivadavia, in Argentina. It was possible to identify a significant social reciprocity between residents of different urban neighborhoods mapped during the research, answering the initial question about the characteristics of the city. The Photographic Essay presents ten images of the River Pilgrimage.

Keywords: Photography. Hiking. South America.

Resumen: Este texto forma parte del proyecto internacional de investigación «Patologías Urbanas en los Confines de Sudamérica», que estudia las actividades religiosas, culturales y sociales desarrolladas a lo largo de los ríos en las afueras de las ciudades de Marabá (PA), Pelotas (RS) en Brasil y Comodoro Rivadavia en Argentina. Se identificó una significativa reciprocidad social entre los habitantes de los distintos barrios urbanos mapeados durante la investigación, lo que permitió responder a la pregunta inicial sobre las características de la ciudad. El ensayo fotográfico presenta diez imágenes de la Peregrinación Fluvial.

Palabras clave: Fotografía. Caminar. Sudamérica.

Introdução

Este texto está inserido no contexto do Projeto Internacional de Pesquisa *Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul: criando pistas para políticas públicas com povos e comunidades tradicionais onde habitam a margem das cidades de Marabá/PA, Pelotas/RS e Comodoro Rivadavia/AR* e, estrategicamente, pretende conhecer as atividades religiosas, culturais e sociais desenvolvidas nos rios nas bordas da cidade.

Dessa forma, a Romaria Fluvial marca o encerramento da Festa do Divino Espírito Santo com os diversos grupos do Divino que embarcam pelas águas dos rios. O percurso inicia desde o Bairro Amapá até o Bairro Santa Rosa, onde está a Capela do Divino Espírito Santo. É uma celebração religiosa, católica e histórica na cidade de Marabá, que consolida um ciclo de fé, tradição e cultura popular.

Portanto, o texto aborda a Festa do Divino Espírito Santo, um evento religioso e sagrado com comemorações em diferentes datas realizadas por Grupos do Divino em Marabá. Certamente, a Romaria Fluvial é uma oportunidade dos religiosos se conhecerem, compartilharem a fé no Espírito Santo e desfilarem com bandeiras e uniformes pelas águas dos rios, além de observarem e descobrirem outros ângulos da Marabá Pioneira.

Teoricamente, trabalhamos com o antropólogo Mircea Eliade (2016), destacando o sagrado e o profano presentes nas culturas como modelos de ser e estar no mundo; e os arquitetos, Francisco Careri (2013) sobre a caminhada como prática estética, e Eduardo Rocha (2023) da definição da caminhografia urbana e os inúmeros verbos (2024) inseridos no caminhar/caminhografar. Além de outras referências acerca dos recursos hídricos e minerais na região de Carajás (2023) e da Fotografia como Linguagem Visual onde encontra-se Marabá, no Sudeste do Pará, na Amazônia Oriental.

Os rios da Amazônia Brasileira desempenham funções essenciais como vias de transporte de mercadorias e atividades pesqueiras, além de possibilitarem a realização de práticas religiosas e culturais (Eliade, 2016). Nesse caso, o conjunto de imagens fotográficas exibem a força da cultura popular nas águas dos rios.

Metodologia

A metodologia desenvolvida no projeto de pesquisa contempla a *caminhografia* – caminhar e mapear – por lugares e trajetos previamente selecionados pelos participantes do grupo de pesquisadores – docentes e discentes. Nessas caminhografias, a partir dos referenciais teóricos de Careri (2013), e Rocha (2023), estamos sempre atentos as pessoas, os equipamentos urbanos, os espaços coletivos, as arquiteturas vernaculares, a natureza circundante e alguns questionamentos, dentre eles: *que cidade é esta?*

Dessa forma, realizamos três longas caminhadas:

- A *primeira*, da Mangueira a Z30 – desde a Rodovia Transmangueira (à luz da Rodovia Transamazônica que corta a cidade de Marabá), onde encontramos restaurantes, náuticas, motel, casas residenciais, alguns comércios, uma zona militar, e de um lado uma área não habitável devido ao solo úmido e encharcado em virtude da saturação da água, e do outro lado o rio Tocantins (Figura 1 traz o Flyer Digital de Divulgação para as comunidades Unifesspa e Marabá) ; e a Z30, a tradicional Vila dos Pescadores no Bairro Santa Rosa.
- A *segunda*, partimos do Museu Francisco Coelho, o fundador do Bairro Cabelo Seco e da cidade de Marabá, em direção ao Bairro Santa Rosa, percorremos algumas ruas, o campo de futebol Del Cobra e voltamos no entardecer ao rio Tocantins.
- A *terceira*, no Bairro Amapá, o segundo núcleo histórico e origem da Cidade Nova, um bairro contemporâneo, na beira do rio Itacaiúnas; percorremos desde a Rodovia Transamazônica, a rua do Aeroporto até a orla; além de outras caminhografias para compreender como os bairros em Marabá convivem.

A observação, também, é um método da pesquisa à luz da Antropologia e, especificamente, da Antropologia Urbana, posto que observamos diretamente à realidade social e urbana. A fotografia está presente nessas práticas das caminhografias: caminhamos e fotografamos, e quando possível, conversamos, tentamos interagir com as pessoas dos bairros (Braga, 2025).

Figura 1. Flyer Digital da Caminhada Experimental.



Fonte: Acervo do Projeto Confins Marabá, 2024.

E, simultaneamente, acompanhamos as notícias publicadas nos principais meios de comunicações da cidade, desde o jornal local aos grupos de whatsapp e redes sociais. Na figura 2, o flyer digital traz a divulgação da Festa do Divino Espírito Santo.

Figura 2. Flyer XXXII Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo.



Fonte: Acervo Projeto Confins Marabá, 2024.

Resultados e discussão

Diante da Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo, agendamos a data para acompanharmos os grupos do Divino no encerramento das festividades iniciadas meses antes, entre a Páscoa e o Pentecostes, datas sagradas na Igreja Católica. Portanto, entre abril e agosto de cada ano, diversas manifestações religiosas e culturais são realizadas pelos devotos do Espírito Santo.

De origem portuguesa, quando a rainha Isabel de Aragão (1.271/1.336) fez uma promessa ao Espírito Santo pedindo que a paz reinasse em Portugal e a reconciliação entre o rei D. Diniz e seu filho D. Afonso IV, chegou ao Brasil com os colonizadores na metade do século XIX e tornou-se uma das práticas religiosas mais antigas e difundidas no catolicismo popular.

Em Marabá, a Festa do Divino Espírito Santo conta com mais de 20 grupos religiosos ativos e independentes, cada um elabora o seu cronograma para que todos possam participar das festividades nos diferentes bairros da cidade. As comemorações religiosas contam com missas, novenas, procissões, festejos e shows populares com fogos de artifício.

Os principais símbolos são: 1) *A bandeira vermelha* que lembra as línguas de fogo das narrativas bíblicas; 2) *A pomba branca* no centro da bandeira representa o Divino Espírito Santo; e 3) *o imperador e a imperatriz* que são coroados na Capela do Espírito Santo.

Em Marabá, a festa foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial e a culminância é a Barqueata quando vários barcos saem da orla do rio Itacaiúnas no Bairro Amapá em direção a Capela do Divino Espírito Santo na Z30/Bairro Santa Rosa no rio Tocantins, oficializando a Romaria Fluvial.

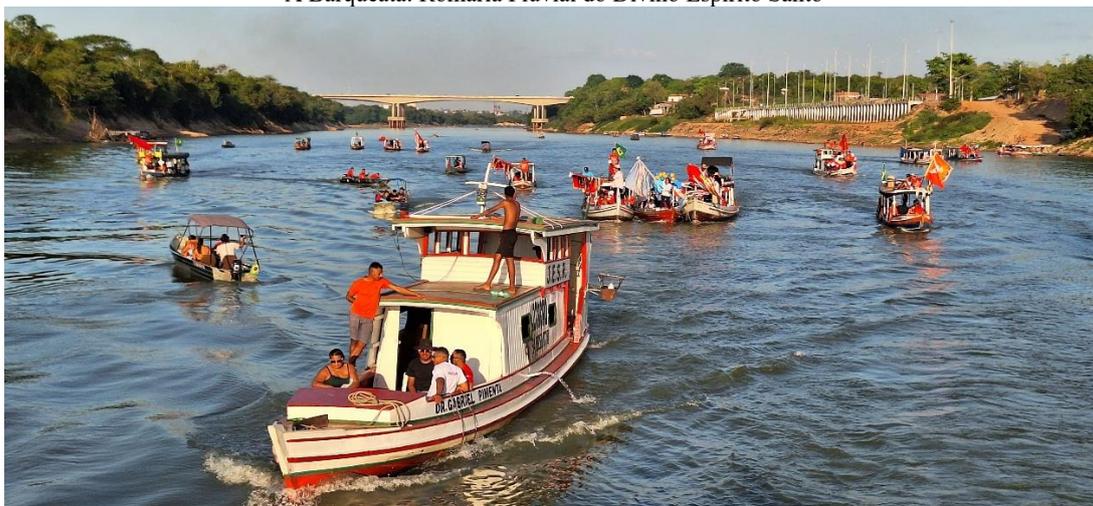
O Ensaio Fotográfico traz dez imagens da Romaria Fluvial idealizada por Raimundo Coelho de Sousa e realizada em agosto de 2024. As fotografias pertencem ao Acervo do Projeto Confins Marabá e são de autoria da fotógrafa e pesquisadora visual Sílvia Helena Cardoso.

Ensaio fotográfico

Concentração dos Barcos na Orla do Rio Itacaiúnas/Bairro Amapá



A Barqueata: Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo



A pomba branca simboliza a paz e as fitas vermelhas simbolizam as línguas de fogo



Religiosidade nos rios Itacaiúnas e Tocantins

Raimundo Coelho de Sousa, fundador da Barqueata



Vista da Cidade de Marabá/Marabela e Romaria Fluvial



Chegada na Orla do Rio Tocantins/Bairro Santa Rosa e Colônia dos Pescadores/Z30



Outras formas de ver Marabá e a Romaria



Devotos do Divino Espírito Santo



A imperatriz e o imperador



A Capela do Divino Espírito Santo



Conclusões

Os rios da Amazônia Brasileira desempenham funções essenciais como vias de transporte de mercadorias e atividades pesqueiras, além de possibilitarem a realização de práticas religiosas e culturais. Em diferentes cidades do Pará, o Círio de Nazaré é celebrado por meio de romarias fluviais, nas quais moradores acompanham o barco principal que transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré ao longo dos principais rios da região.

Em Marabá, destaca-se a Barqueata – romaria fluvial composta por diversas embarcações e fundada por Raimundo Coelho de Sousa em 1992. Este evento representa um relevante momento de fortalecimento da fé, além de promover relações sociais e religiosas locais, evidenciadas pelas bandeiras vermelhas com pombas brancas ao centro, o mastro e os representantes do festejo, como o imperador e a imperatriz, coroados na Capela.

Desde então, os grupos dedicados ao Divino Espírito Santo preservam essa tradição, transmitindo-a entre gerações. Ademais, observa-se que, por meio da metodologia adotada, foi possível identificar em Marabá uma significativa reciprocidade social entre moradores de diferentes bairros urbanos mapeados durante a pesquisa, respondendo ao questionamento inicial sobre as características da cidade.

Referências

- CARDOSO, S. H. dos S. Fotografar. In: ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos S. **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Caseira, 2024. p. 185-187.
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Luiz Braga: arquipélado imaginário**. curadoria Bitu Cassundé. São Paulo: IMS, 2025.
- MONTEIRO, M. de A. (org.). **Amazônia: a região de Carajás**. Belém: NAEA, 2023.
- ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos S. Como é a Caminhografia Urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos**, São Paulo, n. 281, ano 24, 2023. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>. Acesso em: 11 ago 2025.

ⁱ Este texto foi apresentado na 11ª SIIPE – Semana Integrada da Universidade Federal de Pelotas 2025/XXVII ENPÓS – Encontro de Pós-Graduação, em virtude do Pós-Doutoramento em Ciências Sociais Aplicadas/Arquitetura e Urbanismo 2025/2026. Essa versão atual foi ampliada com um número maior de fotografias, que exibem a força da cultura popular nas águas dos rios.